
A vegetação da Restinga de Maricá: sua importância no contexto da preservação da flora fluminense.

A vegetação das restingas do Estado do Rio de Janeiro tem sofrido com as pressões antropogênicas desde a época do descobrimento. Nos arredores da Baía de Guanabara, já se foram diversas áreas de restinga, como, por exemplo, Botafogo, Copacabana, Ipanema-Leblon e Mauá, das quais restam apenas registros em herbários e referências bibliográficas publicadas no início do Século XX.

Mais recentemente, foram-se as restingas de Itaipu e Itacoatiara e grande parte da restinga de Jacarepaguá. Nesta última, tem-se um registro muito mais detalhado da riqueza que se perdeu, pois na década de 70, botânicos de diversas instituições de pesquisa no Rio de Janeiro concentraram seus esforços de coleta de material botânico nesta baixada. Hoje, em retrospecto, percebe-se a importância destes esforços no resgate de informações perdidas.

A restinga de Maricá vem sendo estudada quanto a sua flora e fauna desde a época de 60, por pesquisadores do Museu Nacional e do Instituto de Biologia da UFRJ. Já foi local de inúmeros trabalhos de pós-graduação (teses e dissertações), além de um dos locais mais visitados por professores e alunos por sua condição de local altamente didático. Neste sentido, quem iria perder com sua ocupação urbanizada seriam gerações de alunos que não teria a oportunidade desta experiência.

A vegetação nativa da região em pauta já foi classificada em formações herbáceas, arbustivas e arbóreas, sendo que cada tipo de vegetação tem seu papel na manutenção de um ambiente equilibrado. Estas formações também abrigam espécies ameaçadas de extinção, que são protegidas pelas listas oficiais brasileiras de espécies da flora ameaçadas. Algumas destas espécies e outras menos vulneráveis referem-se por seu nome científico ao local da sua descoberta, como por exemplo, *Ditassa maricaensis*, *Anthurium maricense*, *Struthathus maricensis*. Estas espécies estão restritas as restingas do Estado do Rio de Janeiro.

Entre as comunidades vegetais mais importantes nesta restinga, e em outras restingas onde encontram-se lagoas, é aquela cobertura herbácea que circunda a lagoa, constituída de espécies nativas e especialmente importante por ser um local de inundação, onde as águas da lagoa tem espaço para espriar, para criar um ambiente úmido e rico em espécies de fauna. Embora geralmente muito sacrificado por invasores,

e muitas vezes servindo de lugar de pastagem, esta vegetação é uma parte integral do ecossistema da lagoa e não pode ser eliminada.

A Restinga de Marica ainda apresenta um fragmento importante de vegetação de restinga (Rocha et al. 2003) que possui uma área remanescente relativamente intacta, porem sofrendo serias ameaças de degradação, de 235 ha (Rocha et al 2007). Este remanescente faz parte da Área de Proteção Ambiental de Marica, e no Plano Diretor foi considerado uma Zona de Vida Silvestre, comportando apenas atividades de pesquisa científica.

Em relação a iniciativas conservacionistas, não é suficiente levar em conta apenas dados sobre alta diversidade e número de endemismos quando está se propondo a preservação de uma área. As restingas são ecossistemas altamente frágeis com um número reduzido de espécies focais (Scarano 2000), o que também deve ser levado em consideração, tendo em vista sua importância na preservação do equilíbrio ambiental da zona costeira.

Bibliografia citada

ROCHA, C.F.D., BERGALLO, H.G., ALVES, M.A.S. & VAN-SLUYS, M. 2003. A biodiversidade nos grandes remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro e nas restingas da mata atlântica. São Carlos, RiMa. 160 p.

ROCHA, C.F.D., BERGALLO, H.G., VAN-SLUYS, M., ALVES, M.A.S. & JAMEL, C.E. 2007 The remnants of restinga habitats in the Brazilian Atlantic Forest of Rio de Janeiro state, Brazil: Habitat loss and risk of disappearance. *Revista Brasileira de Biologia*, 67: 263-273.

SCARANO, F.R. 2000 Marginal plants: functional ecology at the Atlantic Forest periphery. In: T.B.Cavalcanti & B.M.T.Walter (eds.) *Tópicos atuais em botânica*. Embrapa/SBB. p. 176-182.



Dorothy Sue Dunn de Araújo

Professor Adjunto III

Departamento de Ecologia - UFRJ
